

Da Teoria à Ação: Gênero e Reciclagem de Resíduos

Um Kit de Ferramentas para Professores, Pesquisadores e Profissionais
Livro 2: Desenho do Projeto, Ferramentas e Recomendações



Belo Horizonte
Março de 2015

Coordenadoras do *Rethinking Gender and Waste Recycling* (Repensando Gênero e Reciclagem de Resíduos): Um Projeto de Pesquisa-Ação em Minas Gerais

Dr. Sonia Maria Dias, WIEGO

Dr. Marlise Matos, UFMG

Madalena Duarte, MNCR

Kit de Ferramentas da Teoria à Ação

Autoras

Sonia Maria Dias e

Ana Carolina Ogando

Edição

Ana Carolina Ogando, Sonia Maria Dias,
Marlise Matos, Megan MacLeod

Créditos das Imagens

Sonia Dias, Ana Carolina Ogando,
Lina Mintz

Design Gráfico

Julian Luckham, Luckham Creative

Índice

Siglas e Abreviações	iv
Agradecimentos	v
Prólogo	vi
Prefácio	viii
1. Introdução	1
2. Da Teoria à Ação: Promovendo Sensibilização Sobre as Questões de Gênero Entre as Catadoras de Minas Gerais	3
2.1 Visão Geral do Projeto	3
2.2 Atividades para os Workshops	8
2.3 Descobertas Gerais	19
2.3.1 <i>Relações de Gênero no Trabalho</i>	19
2.3.2 <i>Relações de Gênero em Casa</i>	20
2.3.3 <i>Violência de Gênero</i>	20
2.3.4 <i>Orientação Sexual e Identidade de Gênero</i>	22
2.3.5 <i>Raça</i>	22
2.3.6 <i>Relações de Gênero no Movimento de Catadores de Materiais Recicláveis</i>	23
2.3.7 <i>Autonomia Econômica</i>	23
2.3.8 <i>Resultados Gerais e Impactos</i>	26
Referências	30

Siglas e Abreviações

INSEA – Instituto Nenuca de Desenvolvimento Sustentável

MNCR – Movimento Nacional de Catadores de Materiais Recicláveis

NEPEM-UFMG – Núcleo de Estudos e Pesquisa sobre a Mulher da Universidade Federal de Minas Gerais

WIEGO – *Women in Informal Employment Globalizing and Organizing* (Mulheres no Emprego Informal: Globalizando e Organizando)

Uma nota sobre a denominação

Na língua portuguesa, ao contrário da inglesa, várias palavras estão sujeitas a flexões de gênero, como é aqui o caso das palavras catador(a) e trabalhador(a), entre tantos outros adjetivos, substantivos e artigos definidos, como “o”, “a”, “eles”, “elas”, etc. Apesar da existência desses marcadores, têm sido utilizados historicamente as flexões masculinas das palavras como forma de referencia tanto a homens quanto a mulheres. O feminismo “de língua portuguesa” vem questionando esse uso e reivindicando que publicações e quaisquer outros documentos escritos devem se adequar a um tipo de linguagem chamada inclusiva, de forma a simbolicamente incluir as mulheres nos mais diversos processos. O uso da linguagem inclusiva tem se tornado uma política governamental recorrente em países de língua portuguesa como Brasil (Brasil, 2013) e Portugal (Abranches, 2009) e tema de legislações municipais e estaduais no Brasil (CFEMEA, 2006) e de manuais de comunicação dos mais diversos órgãos e poderes públicos federais. Nesse kit de ferramentas buscamos adaptar a escrita de forma a adotar sempre que possível esse tipo de linguagem, reconhecendo o papel central ocupado pelas mulheres no contexto da coleta de materiais recicláveis no Brasil, referindo-nos as trabalhadoras e trabalhadores no setor não apenas como o genérico masculino “catadores”, mas como “catadoras” e “catadores”.

Agradecimentos

Devemos agradecimentos especiais à equipe de pesquisadores e diversos colaboradores durante cada uma das fases do Repensando Gênero e Reciclagem de Resíduos: Um Projeto de Pesquisa-Ação em Minas Gerais. À Ana Carolina Ogando, por seu importante auxílio à equipe de coordenação, em particular durante a fase de elaboração do projeto e na consolidação do presente kit de ferramentas. À Nicole Labruto, pesquisadora visitante do MIT, por seu trabalho na revisão da extensa literatura durante a primeira fase do projeto. À Clarisse Goulart Paradis, Naiara Silva, Laura França Martello e Ana Carolina Ogando, membros do NEPEM, e à Ângela Oliveira do INSEA pela coordenação e facilitação dos workshops com as catadoras, assim como pela condução da revisão da literatura em Português e Espanhol. À Ângela Oliveira, também, pela assistência primordial na organização das catadoras para os workshops regionais. À Fernanda Oliveira da UFMG, que forneceu, pro Bono, expertise em elaboração de orçamento ao longo do projeto. À Madalena Duarte e Valdete Roza do Movimento Nacional de Catadores de Materiais Recicláveis por sua imprescindível importância não somente por fornecer sugestões e feedbacks das catadoras em todas as fases do projeto, mas também pela garantia de sua construção de forma horizontal e participativa. Somos gratos pelos conselhos dados por Luciano Marcos do INSEA. Agradecemos profundamente pela contribuição e compromisso de todos os envolvidos.

À Lucia Fernandez e Melanie Samson, revisoras críticas das primeiras versões do projeto de pesquisa-ação.

Gostaríamos de agradecer ainda pelas valiosas contribuições de membros da WIEGO em versões anteriores desse kit de ferramentas: Leslie Vryenhoek, Sally Roever, Caroline Skinner, Chris Bonner, Lucia Fernandez, Federico Parra e Melanie Samson. Agradecemos são devidos também à Equipe de Comunicação, particularmente a Demetria Tsoutouras, que supervisionou a produção do kit de ferramentas, à Megan MacLeod, que editou cuidadosamente os três livretos e à Miguel Sanz Caballer, que supervisionou o processo de tradução e forneceu suporte de edição. Apreciamos muito o comprometimento e insights que deram. Por último, mas não menos importante, agradecemos à Professora Marlise Matos, que recebeu este projeto no NEPEM durante minha estadia como pesquisadora visitante no Departamento de Ciência Política no qual se encontra o NEPEM, por ter fornecido inestimáveis orientações que informaram a nossa abordagem.

Acima de tudo, agradecemos de maneira especial às catadoras de Minas Gerais que participaram dos workshops e compartilharam suas vidas e experiências com nossa equipe; somos imensamente gratos e inspirados pela participação, interesse e principalmente pelo conhecimento, desde o início do projeto.

Sonia Dias
Especialista em Resíduos, WIEGO

Prólogo

Em fevereiro de 2012, o *Gender & Waste Project* (Projeto Gênero e Reciclagem) – uma parceria entre a WIEGO, NEPEM-UFMG, MNCR, INSEA — foi criado. O projeto teve início como um piloto em Minas Gerais, com o objetivo de conscientizar sobre a necessidade do empoderamento econômico e político das catadoras da América Latina. O foco principal do projeto era abordar as desigualdades de gênero nas atividades de coleta de resíduos, que poderiam ser estendidas às desigualdades enfrentadas em três áreas da vida cotidiana: em casa, no trabalho e no papel de liderança em suas organizações representativas. O projeto serviu não apenas para abordar essas questões de maneira crítica, como também para formatar os workshops que trataram especificamente dos estágios iniciais de uma formação em gênero. Em outras palavras, o projeto foi desenhado de forma a aumentar a conscientização das catadoras sobre as complexidades das relações de gênero e desigualdades que estruturam interações em vários contextos e dinâmicas. O projeto foi dividido em três fases visando os seguintes objetivos:

1. Fornecer às mulheres as ferramentas necessárias para trabalhar e buscar a igualdade de gênero no ambiente de trabalho e em suas vidas pessoais, a fim de fortalecer suas capacidades e suas vozes;
2. Aumentar as funções de liderança exercidas por mulheres nas organizações representativas de catadoras e catadores; e
3. Contribuir com o empoderamento econômico das catadoras.

A ideia do Projeto Gênero e Resíduos surgiu a partir das discussões com catadoras que exercem papéis de liderança, no Brasil e na América Latina, com a WIEGO. O projeto começou a ganhar forma após uma fase participativa em 2011, que envolveu mulheres em pequenas reuniões e debates públicos (tais como a Cúpula dos Povos da Rio + 20 e o Festival Lixo e Cidadania), que foram essenciais para a criação do projeto piloto. Durante tais discussões preparatórias, as seguintes questões foram abordadas pelas mulheres:

- A marginalização durante as reuniões dos movimentos nacionais de catadoras e catadores;
- A prática corrente de os homens participarem em maior número das negociações no nível do governo federal;
- As dificuldades enfrentadas pelas mulheres dado ao menor reconhecimento que recebem devido à forma com a qual se expressam, em comparação aos seus colegas homens;
- Os desafios causados por uma combinação de um trabalho que é árduo e as responsabilidades domésticas;
- O desejo das mulheres de obterem mais conhecimentos e maior nível educacional; e
- As dificuldades de abordar e discutir questões tais como a violência doméstica, entre outras.

Tal fase participativa, guiada pelos princípios da educação popular, tinha como objetivo influenciar o desenho de todo o projeto, com base nas necessidades expressas pelas catadoras. Essas necessidades serviram para orientar a segunda fase do projeto, resultando em diversos workshops regionais com as catadoras. Apoiadas por ferramentas de metodologia participativa e de uma perspectiva de gênero e feminista, as participantes refletiram sobre a autonomia da mulher, papéis de gênero estereotipados e os principais constrangimentos encontrados na tentativa de alcançar maior igualdade e reconhecimento nas diversas áreas de interação social durante os workshops. Elas identificaram também suas necessidades práticas e estratégicas para superar estes obstáculos.

Compreender as desigualdades de gênero associadas à coleta de resíduos irá, em última instância, aumentar a eficiência da gestão de resíduos, ao mesmo tempo em que irá encorajar o respeito mútuo entre homens e mulheres.

Com base nos resultados dos workshops, a terceira fase do projeto incluiu o desenvolvimento de um “kit de ferramentas popular” para catadoras e catadores sobre questões de gênero, assim como este kit de ferramenta para profissionais. Para visualizar o “kit de ferramentas” em Português, clique em: http://wiego.org/sites/wiego.org/files/resources/files/Waste_Gender_Toolkit_portuguese.pdf. Para visualizar a versão em Inglês, clique em: <http://wiego.org/sites/wiego.org/files/resources/files/Gender-Toolkit-EN-LR.pdf>. Para a versão em Espanhol, clique em: <http://wiego.org/sites/wiego.org/files/resources/files/mujeres-recicladores-baja.pdf>

Espera-se que ambas as cartilhas forneçam orientações para a quarta fase do projeto, que visa incorporar a discussão de gênero na Rede Latino-americana de Catadores de Materiais Recicláveis (RedLacre) e nas redes e organizações de catadores em outros lugares.



Para a WIEGO, empoderamento refere-se ao processo de mudança que dá a mulheres trabalhadoras de baixa renda – como trabalhadoras individuais e como membros de organizações trabalhistas – a capacidade de acessar os recursos de que necessitam ao mesmo tempo em que adquirem a capacidade de influenciar o ambiente político, regulatório e institucional mais amplo.

Se empenhar pelo empoderamento da mulher em todos os níveis – econômico, simbólico, e político – é crucial para garantir o respeito mútuo e para melhorar as vidas de catadoras e catadores.

Sonia Dias

Especialista em Resíduos, WIEGO

Prefácio

“Autonomia é saber o que quer. Significa tomar decisões em casa, não hesitar, e decidir aquilo que realmente quer”.

(Catadora)

“Autonomia é um direito pelo qual lutamos todos os dias”.

(Catadora)

“É lutar para que seus objetivos sejam escutados”.

(Catadora)

É com imenso prazer que apresento os resultados do minucioso trabalho desenvolvido durante o projeto “Repensando Gênero e Reciclagem de Resíduos: Um Projeto de Pesquisa-Ação em Minas Gerais” (WIEGO/NEPEM-UFGM/INSEA/MNCR).

O presente Kit de Ferramentas Acadêmico sobre Gênero e Reciclagem de Resíduos pode ser visto como um instrumento valioso na disseminação de práticas úteis no processo de transversalização de gênero em projetos sociais e, especialmente, em projetos com trabalhadoras e trabalhadores do setor de reciclagem de resíduos.

Este Projeto foi desenvolvido com o objetivo de intervir nas vidas de trabalhadoras e trabalhadores de uma maneira criativa e original. Baseado em complexos processos sociopolíticos e democráticos, ele busca trabalhar coletivamente na elaboração de questões e agendas de intervenção no mundo do trabalho. Em outras palavras: o eixo central desse projeto piloto de intervenção, realizado numa parceria entre a WIEGO, NEPEM-UFGM, INSEA, e MNCR, tem como objetivo principal a *transversalização de gênero*¹, como também o tem outros projetos desenvolvidos pelo NEPEM. Em mais esse projeto, o NEPEM/UFGM, conhecido como centro e instituição de referência por suas contribuições acerca das perspectivas de gênero e feminista no Brasil, buscou a criação de novos enquadramentos para interpretar a realidade através de uma análise crítica e feminista que repensa tanto as relações de poder entre os indivíduos quanto as possibilidades de se estabelecer alianças e estratégias de ação compartilhadas, ainda que dessa vez no campo da coleta de resíduos.

Sabe-se que as relações de gênero são profundamente desiguais e variam em grau ao redor do mundo, seja na vida cotidiana ou no trabalho. O valor diferenciado atribuído ao trabalho realizado por homens em detrimento daquele desenvolvido por mulheres, por exemplo, é ainda uma dura realidade em muitos países. Sabe-se ainda que tais relações assimétricas são baseadas em dimensões tradicionais e estereotipadas da divisão sexual do trabalho e continuam a organizar nossas relações. Ainda que seja verdade que homens e mulheres

¹ A ideia de transversalizar gênero tem ganhado força não somente como conceito teórico, mas como uma estratégia política (Daly, 2005). Contudo, é um conceito contestado na teoria feminista e em estudos de desenvolvimento. Para discussões e críticas ao uso do conceito, ver as edições especiais de *Social Politics* (2005) e *The International Feminist Journal of Politics* (2005). Mais especificamente, ver Moser (2005), Daly (2005) e Walby (2005).

vêm participando de atividades produtivas (às vezes idênticas) no mercado de trabalho, é importante reconhecer as segregações em determinadas ocupações e as desigualdades inaceitáveis em termos de salários, por exemplo. Apesar da maciça entrada das mulheres no mercado de trabalho, a segregação de gênero nas atividades produtivas e reprodutivas é uma das principais razões para uma série de desigualdades, incluindo, mas não limitada às diferenças salariais. De acordo com a Organização Mundial do Trabalho (ILO) (1995), mesmo com todas as tentativas para lidar com desigualdades de gênero, “levaria 475 anos para paridade ser estabelecida entre homens e mulheres nas posições mais altas nos setores administrativos”. Além disso, a atribuição das atividades reprodutivas como histórica e socialmente “femininas” tem se estendido para além da esfera privada. Como resultado, mulheres possuem duplas e triplas jornadas que são mais onerosas e afetam seu tempo para o lazer e as impedem de ter acesso a oportunidades de participação política. De forma mais ampla, essas práticas enraizadas estão presentes no mundo. Como Moraes e Gassen (2004) assinalam, recentes dados da ONU revelam que:

- Mulheres são responsáveis por 2/3 do trabalho desenvolvido no mundo e recebem 1/3 dos salários;
- Mulheres recebem 1/10 da renda mundial;
- Mulheres representam 2/3 das pessoas analfabetas no mundo;
- Mulheres são proprietárias de menos que 1/100 das propriedades no mundo;
- Dentre 1,3 bilhões de pessoas que vivem na pobreza, 70 por cento são mulheres.

Com tais desigualdades firmemente presentes, as lutas feministas chamaram a atenção para a necessidade da transversalização de gênero nas políticas e projetos sociais. Essa agenda está ligada a ações e políticas transversais e interseccionais.

A transversalização de gênero constituiu-se como um instrumento poderoso e crítico para reformas, monitoramento e avaliação de processos envolvidos na formulação de políticas públicas e em projetos sociais (Walby, 2005). Foi capaz de estimular e reorganizar ações e práticas no mundo todo. No meio acadêmico e na formulação de políticas públicas, a transversalização de gênero é baseada na conscientização de que nossas ações são influenciadas por valores tradicionais e estereotipados em relação a gênero que precisam ser revistos, desconstruídos, e reformulados, particularmente quando são colocados em cheque por outras formas interseccionais de opressão tais como raça, classe, idade, sexualidade, etc. Nosso projeto de intervenção, que deu origem ao presente kit de ferramentas, levou em consideração a centralidade de tais dimensões.

Com muitos anos de intervenções comunitárias e participativas, o NEPEM/UFMG aderiu a essa parceria com as organizações antes mencionadas baseando-se no encontro entre a militância acadêmica e os movimentos de mulheres catadoras. O diálogo que vem sendo estabelecido nos assegurou que este é certamente um caminho produtivo em direção à construção de relações mais igualitárias e justas.



Esperamos que este kit de ferramentas possa fornecer ideias para outras experiências da mesma natureza ao redor do mundo.

Marlise Matos

Diretora do Núcleo de Estudos e Pesquisa sobre a Mulher da Universidade Federal de Minas Gerais (NEPEM)

Professora na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)



Estudos recentes têm mostrado que um grande número de trabalhadoras e trabalhadores informais em países em desenvolvimento se sustenta através da coleta, triagem, reciclagem e venda de materiais rentáveis. Além disso, muitos desses trabalhadores são mulheres e crianças (Dias e Fernandez, 2013; Madsen, 2006; Hunt, 1996; Furedy, 1990).² Catadoras e catadores enfrentam diversos desafios relacionados ao próprio manuseio de resíduos, atividade que nem sempre é reconhecida por seus benefícios ambientais e econômicos para uma cidade. Catadoras também enfrentam o fardo adicional de ter que lidar com a reprodução de relações de gênero hierarquizadas em casa, no ambiente de trabalho e em suas respectivas comunidades.

Apesar da crescente atenção dada aos estudos sobre gestão de resíduos sólidos, ainda falta conhecimento sobre as dinâmicas de gênero e sobre a divisão sexual do trabalho que estão envolvidas nas atividades de coleta de materiais recicláveis. Portanto, a adoção de uma abordagem de gênero e feminista em relação à coleta de materiais reconhece a necessidade de:

- Abordar as múltiplas dimensões da subordinação às quais as mulheres estão sujeitas nas mais diversas áreas;
- Discutir as maneiras como homens e mulheres naturalizam suas relações sociais;
- Enfocar nas ameaças e oportunidades que homens e mulheres vivenciam em seus respectivos trabalhos;
- Questionar como a divisão sexual do trabalho ou a diferenciação de trabalho/ funções de acordo com gênero são uma manifestação da divisão social do trabalho;
- Explorar como a marginalização de catadores, e catadoras em particular, impede o acesso a uma maior independência econômica;
- Reconhecer como os estereótipos de gênero são comumente empregados como meios de desencorajar a participação da mulher, especialmente em níveis mais formais.

² Na Índia, por exemplo, cerca de 80 por cento das catadoras e catadores são mulheres; enquanto no Brasil, um estudo em pequena escala revelou que 56 por cento dos membros das organizações de catadores e catadoras são mulheres (Dias e Fernandez, 2013). Outro estudo conduzido em Belo Horizonte, Minas Gerais, mostra que houve um aumento no número de mulheres empregadas em uma das associações - ASMARE. Os dados revelam que a porcentagem de mulheres que trabalham na associação cresceu de 18 por cento em 1993 para 55 por cento em 1998 (Dias, 2002). Na Tailândia, cerca de 93 por cento dos varredores e varredoras de rua no distrito de Bang Sue em Bangkok, e 60 por cento dos catadores e catadoras em aterros são mulheres (Madsen, 2006).

Uma compreensão mais aprofundada sobre as dinâmicas de gênero envolvidas na coleta de resíduos, frequentemente mascarada ou subteorizada, busca fundamentalmente fornecer às catadoras as ferramentas necessárias para aprimorar sua função como agentes econômicas e políticas.

O projeto piloto de pesquisa-ação *Repensando Gênero e Reciclagem de Resíduos* foi criado a partir da necessidade de uma maior exploração das dimensões de gênero da coleta de resíduos, mas também como resultado das preocupações e interesses expressos por catadoras no Brasil e na América Latina no que diz respeito às relações de gênero.

Esse kit de ferramentas, que foi dividido em três partes, foi criado como um dos produtos do projeto de pesquisa-ação. Seu objetivo é integrar uma variedade de enfoques e recursos diferentes para que possa ser utilizado por múltiplos públicos.

No Livro 1, o kit de ferramentas começa explorando a própria noção e os conceitos teóricos do empoderamento da mulher que guiaram as discussões e atividades dos workshops exploratórios conduzidos em Minas Gerais. Preenchendo as lacunas entre as literaturas sobre gênero e sobre reciclagem de resíduos, o primeiro livro ainda tem como foco as dinâmicas específicas de gênero na reciclagem de resíduos dado o contexto social, cultural, econômico, e político da América Latina e, mais especificamente, do Brasil. Nessa seção, o kit de ferramentas fornece links para outros projetos e guias que oferecem mais perspectivas sobre gênero e reciclagem.

Uma vez que as questões de gênero pertinentes à reciclagem de resíduos tenham sido contextualizadas, o Livro 2: *Desenho do Projeto, Ferramentas e Recomendações*, segue destacando nossas próprias experiências com as oficinas exploratórias com catadoras, ampliando, assim, o escopo do público alvo, esperando incluir aquelas/es interessados em incorporar a questão de gênero na reciclagem de resíduos. Este conteúdo também inclui links para outros recursos e kits ferramenta/cartilhas já publicados sobre trabalhos de campo em gênero e reciclagem.

Por último, no Livro 3: *Livro de Recursos*, o kit de ferramentas integra uma variedade de informações e recursos que se encontram disponíveis a respeito do tema. Embora esses recursos estejam longe de serem completos, eles buscam fornecer um extenso ponto de partida para aqueles interessados no tema da igualdade de gênero na reciclagem.

O kit de ferramentas foi criado para ser de fácil utilização e busca envolver acadêmicos, pesquisadores e profissionais. Cada seção fornece links para outras fontes que podem ser de interesse. Pode ainda ser lido e utilizado conforme as necessidades e interesses do público leitor. Nós os encorajamos a utilizar os materiais e adaptá-los conforme suas necessidades dentro de seu próprio contexto. Finalmente, gostaríamos de obter retorno daqueles que utilizarem este kit de ferramentas, através do envio de comentários críticos e das maneiras específicas pelas quais esse instrumento mostrou-se útil.

2 Da Teoria à Ação: Promovendo Sensibilização Sobre as Questões de Gênero Entre as Catadoras de Minas Gerais

2.1 Visão Geral do Projeto

Nesta seção, veremos como nosso projeto buscou trabalhar com ferramentas de formação na área de gênero como um meio de desafiar diversas diferenças de gênero já detectadas pelas mulheres. As atividades realizadas com catadoras de Minas Gerais foram baseadas em princípios importantes de Pesquisa-Ação Participante (PAR, em sua sigla em inglês). O projeto teve início através da articulação das demandas e interesses das catadoras desde 2012. Algumas reuniões de grupos foram realizadas em diversas arenas públicas de todo o Brasil, como a Rio + 20, um Programa de Rádio da Cúpula dos Povos (Rede de Radiodifusão da Mulher), o III Encontro Nacional de Mulheres Catadoras, e o Festival Lixo e Cidadania. Outras reuniões menores foram realizadas com catadoras de Minas Gerais e do Brasil, entre elas lideranças chaves.

Pesquisa-Ação Participante e Pesquisa Feminista

O planejamento de uma pesquisa-ação participante, como Moser (1993) observa, envolve o reconhecimento de como o processo possui um caráter tanto técnico quanto político, de como envolve conflitos, de como deve ser centrado em formas horizontais de debate e de como deve abrir espaço para transformações. O projeto Gênero & Reciclagem comprometeu-se com os princípios da pesquisa-ação participante com uma perspectiva feminista.

Diretrizes Teóricas do Projeto

- Obter conhecimento através do envolvimento direto da comunidade - neste caso catadoras e catadores. Tal noção está ligada a uma abordagem de educação popular defendida por Paulo Freire.³
- Reconhecer que o conhecimento é capaz de despertar a consciência a respeito das diferentes formas de opressão. Nesse sentido, o professor não é a única fonte

Diretrizes Práticas do Projeto

- Estabelecer relações mais recíprocas entre pesquisadores, especialistas e catadoras em todas as fases e atividades.
- Evitar que as elites locais (profissionais, acadêmicos e membros poderosos da comunidade) controlem a concepção e implantação do projeto (Mitlin, 2012; Kesby, 2005).
- Considerar o número de participantes em cada workshop a fim de assegurar a

³ A pedagogia da educação popular é inspirada na visão de Paulo Freire de empoderamento dos oprimidos, deslocando determinados pressupostos epistemológicos. Freire estava preocupado com a educação dos pobres e politicamente desempoderados no Brasil e acreditava que a educação popular era um esforço coletivo onde todos os participantes aprendiam uns com outros, dadas as suas experiências particulares. Nesse sentido, a educação popular se afasta da ideia de uma hierarquia de conhecimento entre o professor e o aprendiz.

de autoridade, da verdade, ou do conhecimento. A construção do conhecimento é por si só um ato político.

- Priorizar a experiência situada das mulheres como o ponto de partida para o desenvolvimento de uma consciência sobre as questões de gênero. Nesse sentido, isso permite que as mulheres possam identificar, a partir de suas próprias vozes e experiências, as forças que reforçam, invisivelmente ou diretamente, posições e identidades marginalizadas.
- Compreender que a consciência sobre as questões de gênero não pode estar ligada somente a experiências individuais, mas sim a formas mais amplas de ação coletiva.
- Entender que a consciência sobre as questões de gênero não significa que as mulheres serão automaticamente capazes de desafiar todas as formas, níveis e estruturas de hierarquias e opressões de gênero. Ao invés disso, este processo se trata de uma etapa inicial para refletir sobre as maneiras como as desigualdades de gênero moldam as vidas dessas catadoras. Além disso, a construção de uma consciência acerca das questões de gênero deve ser compreendida como parte de processos de longo prazo, de acordo com a re-conceituação que um indivíduo faz de seu/sua posição em uma variedade de papéis e espaços.

participação de todos(as) e evitar a reprodução de hierarquias durante as atividades.

- Estabelecer grupos de reflexão e de atividades constituídos somente por mulheres nas fases iniciais, antes de envolver os homens, a fim de proporcionar às mulheres um espaço seguro para expressar suas preocupações.
- Considerar como diferenças de idade, classe, sexualidade, crenças religiosas e raça podem levar a conflitos de opiniões. Tais conflitos são, todavia, importantes para que as mulheres identifiquem como as identidades interseccionais se sobrepõem e impactam as formas nas quais elas experimentam desigualdades.

Para saber mais sobre a Pesquisa-Ação Participante, a Pesquisa-Ação Participante Feminista e sobre a educação popular Freireana, vide os seguintes artigos:

1. Brydon-Miller, Mary, Davydd Greenwood, e Patricia Maguire. 2003. "Why action research?" *Action Research* 1, No. 1, pp. 9-28.
2. Fals Borda, Orlando. 2011. "Participatory (action) research in social theory: origins and challenges." In Peter Reason e Hilary Bradbury, eds., *Handbook of action research: participative inquiry and practice*. England: London Sage. pp. 27-37.
3. Freire, Paulo. 2005. *Pedagogy of the Oppressed*. New York: The Continuum International Publishing Group Inc.

4. Frisby, Wendy, Patricia Maguire e Colleen Reid. 2009. "The 'f' word has everything to do with it: How feminist theories inform action research." *Action research* 7, No. 1, pp. 13-29.
5. Gatenby, Bev e Maria Humphries. 2000. "Feminist participatory action research: Methodological and ethical issues." *Women's Studies International Forum* 23, No. 1, pp. 89-105.
6. Kesby, Mike. 2005. "Rethorizing Empowerment through Participation as a Performance in Space: Beyond Tyranny to Transformation." *Signs* 30, No. 4, pp. 2037-2065.
7. Maguire, Patricia. 2001. "Uneven Ground: Feminisms and Action Research." In Peter Reason e Hilary Bradbury, eds., *Handbook of action research: participative inquiry and practice*. England: London Sage, pp. 59-69.
8. Mitlin, Diana. 2012. "From aid to empowerment." *Reflect and Act*. Acesso em 06 de Junho de 2015 em <http://pubs.ied.org/pdfs/G03415.pdf>.
9. Moser, Caroline. 1993. *Gender Planning and Development: Theory, Practice and Training*. New York: Routledge.
10. Weiler, Kathleen. 1991. "Freire and Feminist Pedagogy of Difference." *Harvard Educational Review* 61, No. 4, pp. 449-475.

Essas reuniões foram essenciais para compreender as questões mais prementes a partir da perspectiva das catadoras, bem como para obter o apoio de ambos os catadores e as catadoras. No geral, considerou-se que seria mais benéfico e representativo das diretrizes participativas, encorajar as catadoras de maneira lenta e gradual, em grupos menores, a falarem sobre questões de gênero.

Vale a pena notar que tal abordagem somente foi possível devido ao fato de que os recursos para o projeto veio do financiamento de base da WIEGO. Conseqüentemente, e de forma importante, isso permitiu que a equipe respeitasse o ritmo das mulheres e concentrasse seus esforços em um trabalho horizontal e participativo. Como resultado, evitou-se um processo guiado por prazos apertados.

O envolvimento das catadoras foi um passo importante na promoção de uma reflexão mais crítica sobre a dinâmica de gênero entre catadoras e catadores. Em 2013, as equipes do NEPEM



Encontro com as Catadoras em Belo Horizonte, em maio de 2012. Foto: S. Dias



Rio+20, junho de 2012. Foto: S. Dias



*Programa de Rádio da Rio+20, junho de 2012.
Foto: S. Dias*



III Encontro Nacional, julho de 2012. Foto: S. Dias



*Festival Lixo e Cidadania, outubro de 2012.
Foto: A. C. Ogando*



Imagem do workshop em Conselheiro Lafaiete, agosto de 2013. Foto: A.C. Ogando

“Precisamos aprender mais sobre as mulheres na coleta de materiais recicláveis”.

“Isso foi muito benéfico; às vezes temos vergonha de nos expressar. Aqui, nos sentimos confortáveis”.

“Houve tantas coisas novas... Pude ver como as mulheres são importantes e o quanto precisamos continuar lutando”.

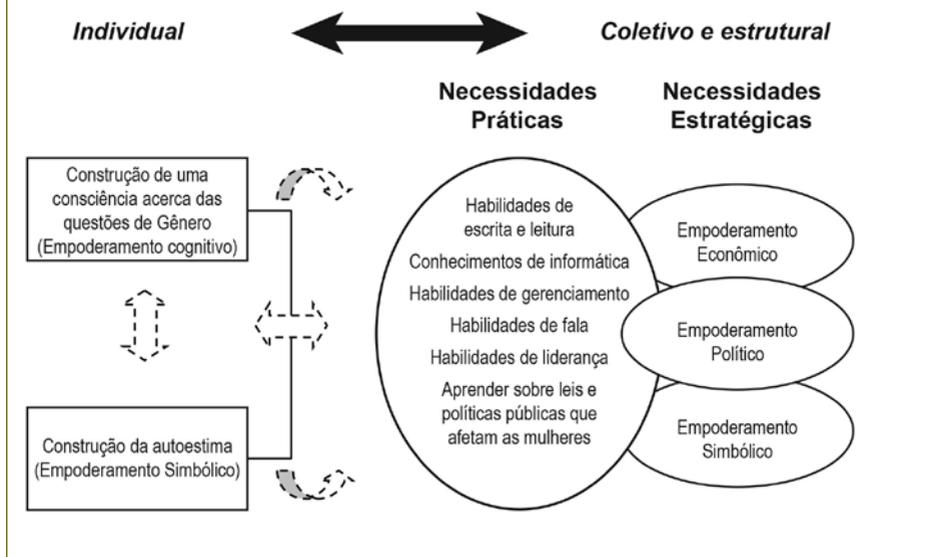
e do projeto realizaram quatro workshops exploratórios representando quatro regiões de Minas Gerais: a região metropolitana de Belo Horizonte, João Monlevade, Conselheiro Lafaiete, e Itaúna. Os workshops duraram um dia inteiro com grupos que variaram de 12 a 22 participantes. A fim de garantir a participação de todas as mulheres, buscamos trabalhar com grupos menores (Moser, 1993) e também dividir o grupo maior em grupos de reflexão de 4-5 mulheres durante diversas atividades.

Diversas cooperativas e associações foram representadas em cada um dos quatro workshops. Para o workshop foram convidadas duas mulheres catadoras (uma liderança das catadoras e outra associada) de cerca de oito cooperativas em cada uma das quatro regiões. Em geral, as participantes eram em sua maioria de meia-idade, mas em alguns workshops havia participantes mais jovens e mais velhas. A diferença de idade apresentou obstáculos na condução das discussões, já que muitas se identificaram com problemas semelhantes, tanto no local de trabalho como em casa.

Os workshops exploratórios nos ensinaram diversas lições importantes. As participantes demonstraram entusiasmo e satisfação diante da oportunidade de refletir criticamente sobre seus papéis como mulheres e catadoras perante a sociedade.

A Visão do Projeto Gênero e Reciclagem sobre o Empoderamento

O Empoderamento pode assumir várias direções e possuir diversas dimensões. O Projeto Gênero e Reciclagem buscou unir níveis individuais de empoderamento a níveis estruturais mais amplos, que englobam o empoderamento econômico, político e simbólico. A figura abaixo ilustra as conexões entre diferentes formas de empoderamento que foram relevantes em todos os estágios do projeto. É importante destacar ainda que o processo não é unidirecional, mas sim integrado e interconectado, no qual os níveis de empoderamento podem impactar de maneira contínua diferentes formas de empoderamento. Mais especificamente, o processo revela que a construção do senso de autoestima das mulheres deve estar vinculada a uma compreensão mais clara das necessidades práticas das mulheres. Uma vez que as necessidades práticas estejam identificadas, as mulheres podem, coletivamente, pensar em formas de começar a desafiar e confrontar os obstáculos em direção ao empoderamento econômico, político e simbólico.



Para saber mais, consulte o Livro 1 desse kit de ferramentas sobre as definições acerca de empoderamento econômico, político e simbólico.

Fonte: Elaboração própria das autoras⁴

Para uma perspectiva de empoderamento ligada à perspectiva do projeto, vide:

1. Kabeer, Naila. 1999. "Resources, agency, achievements: Reflections on the measurement of women's empowerment." *Development and change* 30, No. 3, pp. 435-464.
2. Kabeer, Naila. 2003. *Gender Mainstreaming in Poverty Eradication and the Millennium Development Goals: A handbook for policy-makers and other stakeholders*. Commonwealth Secretariat.

Para muitas participantes, essa foi uma oportunidade de mostrar o orgulho que possuem do trabalho que fazem. Puderam, ainda, refletir positivamente sobre muitos dos seus pontos fortes, à luz das lutas que enfrentam continuamente como mulheres. De maneira geral, essas reflexões podem ser resumidas da seguinte forma:

- Em primeiro lugar, era essencial terminar os workshops de maneira positiva e reforçar quantas dessas mulheres superaram dificuldades como resultado de sua coragem. Ao fazer isso, o workshop destacou histórias de atuação de mulheres que serviram de inspiração para outras participantes.
- Em segundo lugar, foi interessante observar como as catadoras chamaram a atenção para a necessidade de estarem mais conscientes de seus próprios papéis em ambientes que reproduzem as desigualdades de gênero em suas vidas no dia-a-dia.
- Em terceiro lugar, as catadoras refletiram seriamente sobre a necessidade de uma maior solidariedade entre elas. Nos vários workshops, as catadoras comentaram que seria importante ter mais mulheres participando de eventos, como os workshops exploratórios.

2.2 Atividades para os Workshops

Algumas recomendações

As atividades a seguir foram escolhidas para representar as discussões que tivemos ao longo do workshop de um dia. Idealmente, um workshop com duração de dois dias teria dado à equipe e às catadoras mais espaço para explorar e refletir sobre uma série de questões de maneira mais detalhada. No entanto, dadas certas limitações de tempo e recursos, os workshops exploratórios trabalharam dentro de um enquadramento de um dia. Além disso, cada atividade foi projetada para ser desenvolvida em cima do trabalho realizado na atividade anterior. Tal estratégia se baseou no fortalecimento de laços e no nível de conforto e confiança entre as participantes e as facilitadoras.

Na maioria das ferramentas utilizadas durante o workshop, havia duas facilitadoras orientando a discussão. No entanto, outras facilitadoras treinadas também fizeram

⁴ Para mais detalhes sobre a discussão do projeto a respeito de empoderamento, vide Dias & Ogando (2015).

Imagens do workshop de Itaúna que ocorreu em Belo Horizonte, em outubro de 2013. Foto: A. C. Ogando



“Nós temos esse medo não só de nossos maridos, mas também de nossos irmãos ou até mesmo de nossos filhos, [um medo de] homens de maneira geral. Se nós, como mulheres, não olharmos eles nos olhos, não vai ter jeito. Precisamos focar nossas mentes nisso e acabar com nosso medo”.

“Precisamos abrir nossas mentes! Serei mais decisiva, mais corajosa”.



“Vou me lembrar de muitas coisas ditas aqui e vou aplicá-las em minha vida pessoal.”



Imagens dos workshops em Conselheiro Lafaiete, em agosto de 2013, e na Região Metropolitana de Belo Horizonte, em maio de 2013. Fotos: A.C. Ogando



“Aprendemos muitas coisas novas; precisamos passar isso para frente, para as mulheres que não participaram.”



intervenções em momentos-chave a fim de estimular a discussão e/ou diminuir quaisquer possíveis tensões crescentes. Além disso, havia sempre um membro da equipe responsável pela elaboração de relatórios. Quando o grupo maior era dividido em grupos menores, havia sempre uma facilitadora em cada uma das discussões. Deste modo, é aconselhável trabalhar com um grupo de pelo menos 4-5 facilitadoras.

Também recomendamos que as facilitadoras estejam familiarizadas com trabalhos de intervenção social com base em uma perspectiva feminista, além de ter familiaridade com as atividades/ferramentas e com as possíveis dificuldades, distrações e tensões que possam vir a surgir. As facilitadoras devem ter interesse em trabalhar com gênero e devem estar confortáveis com as questões a serem abordadas. As facilitadoras têm a responsabilidade de promover o diálogo e o respeito. Uma equipe de duas facilitadoras foi considerada a mais adequada, a fim de manter o nível de energia e interesse durante o longo dia de discussões, mas também como um meio de evitar que os temas se desviassem para outras questões que não faziam, necessariamente, parte do âmbito da atividade. Após a utilização de cada ferramenta, as participantes foram convidadas a comentar sobre a respectiva atividade e sobre o que elas sentiam que haviam aprendido. Um membro da equipe era responsável por registrar as discussões e a dinâmica de cada atividade. Depois do workshop, um relatório das atividades foi elaborado para análise. As fotografias foram tiradas com a permissão de todas as participantes.

A maioria dos workshops foi conduzida em espaços com capacidade suficiente para, pelo menos, 20-24 participantes que trabalharam em conjunto ou em pequenos grupos. As participantes foram avisadas com antecedência sobre o local e a hora do workshop. Várias atividades de quebra-gelo também foram utilizadas durante o workshop, a fim de manter o nível de concentração das participantes. É importante, também, preparar todos os materiais antes das atividades.

Antes do início do workshop, as facilitadoras e as participantes combinaram algumas regras básicas, a fim de assegurar a continuidade das atividades (i.e. desligar os celulares, evitar conversas paralelas quando alguém estiver falando, sobre deixar a sala e a atividade, respeitar as opiniões).

Principais Aspectos a Serem Lembrados

- ✓ Considerar que a construção de um consenso não pode suprimir as diferenças nas experiências das mulheres, permitindo assim novas formas de pensar sobre gênero.
- ✓ Considerar tensões que podem surgir de pontos de vista tradicionais sobre as relações de gênero.
- ✓ Entender a implementação de workshops como algo que vai além de um evento coletivo. O foco deve ser em estabelecer planos de ação para além do workshop por si só.
- ✓ Envolver as principais lideranças masculinas como apoiadores das discussões de gênero nas atividades-chave. Trabalhar com as questões de gênero poderá criar tensões e estremecer o equilíbrio de poder nas organizações e no movimento; por isso, envolver lideranças masculinas em atividades e etapas específicas do projeto ajudará a mitigar essa situação.
- ✓ Considerar que alguns homens e mulheres podem boicotar a ideia de uma formação sobre questões de gênero, razão pela qual devem ser bem estabelecidos um esboço e um plano estratégico do projeto antes do início das atividades.

Ferramenta Nº1

Quebra-Gelo

Objetivo:

Apresentarem-se umas às outras e discutir as expectativas em relação ao workshop

Tempo: 45 minutos**Materiais:** Cartão ou etiqueta com nome e pincel atômico

Durante essa atividade, o grupo foi dividido em pares, para que cada participante pudesse se apresentar. O objetivo da atividade é que as participantes conheçam umas às outras, compartilhem suas expectativas em relação ao workshop, e, acima de tudo, chamar a atenção para a forma com a qual elas se identificam. A forma com a qual elas se identificam é essencial, pois mostra se as maneiras como se apresentam são ou não marcadas pela questão de gênero (o que levaria, então, ao próximo passo no processo de intervenção). Após esse curto diálogo, cada participante teve que apresentar sua parceira para o grupo.

Observações: Muitas vezes, ao apresentar a parceira para o grupo, uma das mulheres esquecia o que a outra participante havia dito. Isso foi importante para as participantes, já que isso chamou a atenção para a necessidade de as participantes se fortalecerem em suas habilidades de escuta e memória.



*Quebra-gelo com as catadoras de Conselheiro Lafaiete (E), em agosto de 2013, e da região metropolitana de Belo Horizonte (D), em maio de 2013.
Fotos: A. C. Ogando*



Ferramenta Nº2

Consciência das Relações de Gênero– Atividade de Ping-pong

Objetivo:

Discutir o significado de autonomia e o que ela representa em suas vidas

Tempo: 30 minutos

Materiais: Qualquer tipo de corda/linha

Durante essa atividade, as mulheres foram convidadas a formarem um círculo e a responderem à seguinte pergunta: “O que é autonomia?” A cada resposta de uma participante, ela deveria jogar o rolo de barbante para outra participante, que deveria responder à mesma pergunta. Depois que todas as participantes responderam, uma segunda rodada de perguntas foi iniciada e o grupo deveria responder à seguinte pergunta: “O que é autonomia para você?”

Essas perguntas suscitaram uma variedade de respostas diferentes que mais tarde iriam configurar as discussões da próxima atividade. Nessa atividade, as facilitadoras exerceram um papel crucial de encorajar as participantes a falarem e a estabelecer ligações entre algumas das observações das catadoras e ideias gerais sobre as relações de gênero e autonomia das mulheres. As facilitadoras tinham também que prestar atenção naquelas que ainda não haviam participado e evitar respostas repetitivas. No final da atividade, as facilitadoras resumiam brevemente as ideias gerais e exemplos que foram dados ao longo da atividade.

Muitas das participantes focaram em como a autonomia deve ser exercida tanto em casa como no trabalho. Novamente, isso refletiu a ideia inicial do desenho do nosso método, que buscou



Workshop da região metropolitana de Belo Horizonte, em maio de 2013. Fotos: A. Oliveira

conectar as experiências de gênero vividas e discutidas pelas próprias mulheres. As respostas variaram entre ter autonomia financeira para ser livre até tomar as próprias decisões na vida. Algumas das respostas mostraram como muitas dessas mulheres, em algum nível, perceberam os efeitos negativos de seus papéis de gênero em diferentes contextos sociais.



Fotos dos workshops em Conselheiro Lafaiete, agosto de 2013 e em Itaúna, outubro de 2013.
Fotos: A. C. Ogando

“Eu consegui sobreviver sem ter que depender de um homem... [Autonomia] é poder sair sem ter que dar satisfação de qualquer coisa que faço.”

“É poder me posicionar; é saber como me posicionar em casa com meus filhos; é saber lidar com os problemas em casa e no trabalho”.



“É o direito de trabalhar, de ir e vir conforme minha vontade; é ser capaz de atingir as coisas sem depender de um homem; é definir minha sexualidade sem críticas”.

“É ocupar mais espaço na sociedade; é ser representada em outras áreas”.



“O que todas nós precisamos é de estar nos grupos coletivos discutindo autonomia; quando formamos um grupo, podemos avançar em busca de nossa autonomia. Podemos ter ideia sobre como obter ainda mais autonomia”.

“É poder falar, é [poder] ser ouvida e respeitada.”

Ferramenta Nº3

Árvore da Autonomia

Objetivo:

Discutir de forma mais abrangente o que significa autonomia em determinadas áreas

Tempo: 1 hora

Materiais: Cartolina, recorte no formato de tronco de árvore e no formato das folhas da árvore e canetinhas

Durante essa atividade, o grupo foi dividido em pequenos grupos de 4-5 participantes e cada grupo deveria discutir um dos seguintes temas: autonomia em casa, autonomia sobre o próprio corpo/sexualidade, autonomia no movimento e/ou associação e autonomia financeira. Um dos membros da equipe também se juntou a cada um dos grupos. Após a discussão, elas listaram alguns exemplos de autonomia em suas folhas da árvore. A atividade terminou com uma apresentação para todo o grupo.

Essa atividade foi importante para trabalhar as ideias que surgiram na atividade anterior. Em primeiro lugar, foi útil para garantir que a voz de todas pudesse ser ouvida e que a opinião de todas pudesse ser expressa. Em segundo lugar, reservar um tempo para discutir a autonomia de uma maneira mais profunda abriu espaço para desafiar visões mais enraizadas socialmente sobre as relações de gênero. Em alguns workshops, houve tensão devido as diferentes perspectivas sobre a autonomia em relação ao próprio corpo e sobre sexualidade, mas até mesmo esses momentos possuíam grande valor, uma vez que permitiram uma discussão mais ampla sobre a autonomia e sobre os papéis da mulher na superação de pontos de vista e crenças tradicionais que até mesmo as mulheres reproduzem. De maneira geral, a interação entre os grupos durante as apresentações foi significativa, e cumpriu o objetivo de criar um ambiente baseado no respeito e na solidariedade.



Foto do workshop na região metropolitana de Belo Horizonte (E), maio de 2013 e em Itaúna (D), outubro de 2013.
Fotos: A. C. Ogando e S. Dias

Ferramenta Nº4

Discutindo papéis de gênero

Objetivo:

Refletir sobre os papéis atribuídos a homens e mulheres na sociedade

Tempo: 1 hora

Materiais: Cartolina, tesoura, revistas e canetinhas

Essa atividade abriu a sessão da tarde. O grupo foi dividido em dois grupos menores. As mulheres foram convidadas a desenhar o corpo de um homem e de uma mulher e a encontrar imagens ou palavras de revistas que representavam os papéis atribuídos a cada um. Essa atividade destacou as formas tradicionais e estereotipadas que os papéis de gênero são representados e internalizados na vida cotidiana. Além disso, nos permite tanto avaliar o nível de consciência das participantes sobre os papéis de gênero, quanto observar se as mulheres participantes já começaram ou não a incorporar uma perspectiva mais crítica sobre os papéis tradicionais de gênero, dadas as discussões das atividades anteriores.

Ao ter as mulheres focadas nos diversos atributos conflitantes relacionados aos papéis de gênero, as facilitadoras puderam incentivar uma reflexão mais crítica sobre como as mulheres têm superado diferentes obstáculos e estereótipos na sociedade contemporânea. Essa atividade revelou ainda que, embora as catadoras não demonstrem ter problemas em



*Fotos do workshop em
Conselheiro Lafaiete, agosto
de 2013 e em Itaipava, outubro
de 2013. Fotos: A. C. Ogando*



realizar atividades que são tipicamente designadas como “masculinas” em suas cooperativas, os homens não têm ocupado os espaços normalmente atribuídos como “femininos”. Isso foi importante para outras discussões sobre o papel que os homens devem assumir a fim de garantir maior igualdade de gênero. Em outras palavras, uma transformação efetiva envolve a cooperação e o envolvimento dos homens. A atividade também foi interessante, pois, em alguns grupos, as mulheres refletiram sobre como a raça também pode afetar as maneiras com as quais elas vivenciam a desigualdade de gênero.

Após as discussões em grupos menores, todas as participantes se reuniram para compartilhar para todo o grupo suas reflexões. Mais uma vez, isso gerou muita discussão entre as mulheres. Essa atividade se mostrou bem sucedida já que as próprias catadoras relacionaram esses debates com outros comentários realizados em outras atividades. Além disso, os grupos começaram a refletir mais seriamente sobre como desafiar e confrontar papéis de gênero a partir de suas próprias experiências.



Fotos do workshop em Conselheiro Lafaiete, agosto de 2013 e em Itaiúna, outubro de 2013. Fotos: A. C. Ogando

Sessão de Encerramento

Avaliando o Workshop

Objetivo:

Refletir sobre o workshop e uma discussão adicional acerca das necessidades práticas das mulheres

Tempo:

aproximadamente 30 minutos

Essa foi a sessão de encerramento, na qual, além de avaliar o workshop do dia, as mulheres também foram incentivadas a discutir os seguintes pontos: as dificuldades/obstáculos enfrentados; as habilidades/conhecimentos necessários para enfrentar tais obstáculos; e as mudanças na sociedade de maneira geral e no movimento dos catadores em particular. As fases seguintes do projeto exploratório foram então apresentadas para dar a todas as mulheres uma visão mais abrangente a respeito do desenvolvimento do projeto e do seu papel que elas têm na concretização de mudanças em direção da igualdade de gênero.



Fotos dos workshops em Conselheiro Lafaiete, agosto de 2013 e em Itaipú, outubro de 2013. Fotos: A. C. Ogando

2.3 Descobertas Gerais

Cada workshop teve sua dinâmica própria, o que se refletiu nos temas que pareciam ser mais recorrentes em cada grupo, especificamente. As ideias apresentadas nessa seção representam algumas das lições mais gerais aprendidas com a realização dos workshops, especialmente em termos dos obstáculos enfrentados pelas mulheres em casa, no trabalho e no movimento. O objetivo da presente seção é apresentar as perspectivas das catadoras sobre várias questões que foram levantadas frequentemente em todos os workshops.

2.3.1 Relações de gênero no trabalho

Em todos os workshops, as catadoras afirmaram, orgulhosamente, que realizam todos os tipos de atividades em suas cooperativas. Muitas concluíram que, por serem capazes de realizar todos os tipos de atividades, mesmo aquelas que exigem mais força física, isso significa que haviam alcançado um maior nível de igualdade. Apesar disso, elas reconheceram ainda que as mulheres são as que frequentemente triam os materiais, uma vez que os homens pensam que se trata de uma atividade mais feminina. Além disso, há menos mulheres que coletam materiais nas ruas ou em estabelecimentos que geram uma grande quantidade de resíduos. No entanto, algumas participantes mencionaram que acompanham os motoristas da cooperativa ou até mesmo dirigem elas mesmas para coletarem alguns materiais. Assim, elas reconheceram que há uma divisão sexual do trabalho quando se trata do que os homens fazem nas cooperativas. Em outras palavras, as mulheres podem estar fazendo todos os tipos de atividades, mas o mesmo não acontece com os homens.

Tal divisão também é encontrada na tomada de decisões e na hierarquia do movimento. Curiosamente, as participantes afirmaram que parece haver mais mulheres trabalhando em suas cooperativas; no entanto, em alguns locais de trabalho, os membros dos conselhos administrativos das cooperativas são geralmente homens. Em tais circunstâncias, as vozes e a representação das mulheres nem sempre é igual às dos homens. Houve alguns casos nos quais as mulheres eram as únicas dirigentes e presidentes da cooperativa e do comitê de tomada de decisões da cooperativa. Essas mulheres eram altamente articuladas e gostavam de suas posições de liderança. Elas tinham muito orgulho de discutir sobre as histórias de negociações com políticos locais e de servir de exemplo para outras mulheres nas cooperativas. Não obstante, as participantes discutiram sobre o fato de que quando as mulheres participam ativamente, há casos de homens que as excluem ou que não lhes dão espaço suficiente nem lhes respeitam ao expressar suas opiniões.

Algumas mulheres expressaram ainda preocupações em relação ao assédio moral e sexual que vivenciam no trabalho. Estes exemplos encorajaram as mulheres a pensar em fortalecer as relações entre as próprias mulheres no interior das cooperativas.

Como observação positiva, as catadoras alegaram que o espaço de trabalho é, geralmente, um ambiente seguro para elas. Elas sentem que o trabalho que fazem lhes oferece mais flexibilidade do que outros empregos formais e informais. Isto lhes permite dedicar-se a outros trabalhos informais ou a suas responsabilidades domésticas. Por outro lado, todo esse trabalho é, por si só, um obstáculo para a participação das mulheres em outras atividades, uma vez que não possuem tempo livre.

Observação Importante

Durante as discussões sobre os papéis de gênero estereotipados, é fundamental refletir criticamente sobre as atividades e os papéis assumidos pelas mulheres em suas vidas. Muitas das catadoras alegaram que suas vidas haviam melhorado bastante, já que agora elas eram capazes de fazer diversas coisas antes designadas como sendo um emprego ou atividade apenas de homens. Vale a pena levar em consideração os problemas desse ponto de vista e como isso contribuiu para as duplas e triplas jornadas de trabalho das mulheres, além de ilustrar como os homens não têm mudado suas atitudes e crenças em relação aos papéis de gênero.

2.3.2 Relações de gênero em casa

Embora muitos dos relatos pessoais tenham ilustrado uma divisão desigual do trabalho doméstico, algumas participantes afirmaram que seus parceiros realizam uma parte justa do trabalho doméstico. Em muitas das vezes, os seus parceiros começaram a ajudar depois que as mulheres tomaram medidas drásticas em casa e pararam de fazer algumas das tarefas domésticas, tais como cozinhar. As mulheres que conseguem dividir o trabalho doméstico com seus parceiros afirmam que isso é o que lhes permite participar do movimento de catadores de material reciclável de maneira mais ativa.

No entanto, a maioria das mulheres lida com a situação oposta. Elas alegaram que ao mesmo tempo em que há uma divisão mais igualitária entre o casal no orçamento familiar, a maioria dos maridos são responsáveis por uma pequena ou nenhuma parcela do trabalho de casa. Trata-se do reflexo de uma sociedade e de uma cultura sexistas que acreditam que as responsabilidades domésticas são habilidades naturais da mulher. Algumas das participantes chegaram a afirmar que seus maridos não gostam de lavar a louça, cozinhar ou limpar, pois isso os faz sentir menos viris. As mulheres também são responsáveis por cuidar das crianças e/ou de quaisquer outros parentes, bem como por cuidar da lição de casa de seus filhos, ou por discutir questões como sexo. Isso destaca um princípio metodológico importante: o pressuposto de que é necessário desconstruir os papéis de gênero para que as mulheres assumam mais papéis de liderança no ativismo e em arenas públicas, incluindo os movimentos sociais.

O resultado avassalador de ter que ser responsável pela maioria, se não por todas, as tarefas domésticas é a falta de qualquer tempo livre para atividades de lazer. As mulheres reconheceram a necessidade de uma divisão igualitária do trabalho doméstico, e também de criar mais espaço para dialogar com seus cônjuges e filhos sobre o assunto. No entanto, as barreiras culturais e seus efeitos naturalizantes sobre papéis de gênero parecem limitar as possibilidades para uma mudança mais progressiva na esfera doméstica para muitas dessas mulheres.

2.3.3 Violência de Gênero

A violência de gênero contra as mulheres foi um dos temas mais recorrentes em todos os workshops. É importante notar que os workshops anteciparam a ocorrência do tema, mas, ainda assim, buscaram não focar somente nele dada sua gravidade e a necessidade de

treinamento adicional da equipe. No entanto, as histórias e experiências de violência de gênero foram significativas e, de muitas maneiras, um dos elementos centrais para estabelecer a solidariedade entre as mulheres participantes. As mulheres que sofreram violência tiveram o cuidado de salientar que reconheceram que a violência de gênero contra as mulheres vai além da violência física. Nesse sentido, as participantes enfatizaram os efeitos negativos tanto da violência psicológica quanto sexual em seus lares, não só por parte de seus maridos, mas também de seus pais, irmãos, ou outras figuras masculinas. Expandir a definição de violência permitiu que as mulheres expressassem publicamente suas experiências, assim como suas próprias maneiras particulares de superação da mesma.

Abandonar relacionamentos violentos nunca é fácil, mesmo que políticas públicas recentes, como a Lei Maria da Penha, tenham sido aprovadas.⁵

Para mais informações sobre a Lei Maria da Penha, consulte os seguintes artigos:

1. Spieler, Paula. 2011. "The Maria da Penha Case and the Inter-American Commission on Human Rights: Contributions to the Debate on Domestic Violence Against Women in Brazil." *Indiana Journal of Global Legal Studies* 18, No. 1, pp. 121-143.
2. Roue, Jodie G. 2009. "Domestic Violence in Brazil: Examining Obstacles and Approaches to Promote Legislative Reform." *Columbia Human Rights Law Review* 41, pp. 67-97.
3. Kiss, Ligia, Ana Flavia D'Oliveira, Cathy Zimmerman, Lori Heise, Lilia Blima Schraiber, Lilia and Charlotte Watts. 2012. "Brazilian policy responses to violence against women: government strategy and the help-seeking behaviors of women who experience violence." *Health and Human Rights: An International Journal* 14, No. 1, pp. E64-77.

Algumas das mulheres apontaram a importância de saber quais leis podem protegê-las. No entanto, elas destacaram também as dificuldades que enfrentam ao utilizar a lei. Muitas afirmaram que policiais e figuras de autoridade têm limitações em garantir proteção, ou, em algumas circunstâncias, podem até sugerir que as mulheres permaneçam nesses relacionamentos a fim de proteger a família. Algumas mulheres contaram histórias sobre como viveram em relacionamentos abusivos por muitos anos devido a ameaças de morte que receberam, o que colocaria não só suas próprias vidas em risco, mas também a vida de seus filhos e até mesmo de parentes. As histórias de mulheres que superaram essas situações

⁵ A Lei Maria da Penha é uma lei federal promulgada em 2006 pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que visa reduzir a violência doméstica. A lei altera a punição incidida sobre os agressores. Ela afirma que os agressores não devem mais ser punidos com penas alternativas e aumenta a sentença, bem como oferece uma variedade de medidas para a remoção do agressor da residência. A lei recebeu o nome devido à história de Maria da Penha Maia, cujo ex-marido tentou assassiná-la duas vezes, fazendo com que ela se tornasse paraplégica. Dada a longa espera para ter seu ex-marido condenado, Maria da Penha, juntamente com o Centro para a Justiça e o Direito Internacional (Center for Justice and International Law) e o Comitê Latino-Americano e do Caribe para a Defesa dos Direitos das Mulheres, levou o caso à Comissão Interamericana de Direitos Humanos, que considerou o Brasil responsável por negligência e omissão em caso de violência doméstica contra as mulheres. Hoje, Maria da Penha é uma conhecida defensora dos direitos das mulheres no Brasil. Para mais informações, consulte: <http://www.unwomen.org/en/news/stories/2011/8/maria-da-penha-law-a-name-that-changed-society> ou http://www.observe.ufba.br/lei_mariadapenha.

serviram para reforçar o protagonismo das mulheres, mesmo quando elas vivem experiências de abuso.

Um dos resultados mais positivos dessas histórias foi o fato de muitas mulheres terem sido influenciadas por tais discussões e pela coragem de suas colegas. Algumas mulheres ainda alegaram que abandonaram relacionamentos abusivos depois de terem participado das reuniões preparatórias realizadas em maio de 2012, antes dos workshops (vide página 26). Muitas das participantes solicitaram que as catadoras tivessem acesso a esses exemplos e histórias, sugerindo que o projeto deveria publicar pequenas histórias sobre o empoderamento da mulher, em especial ao enfrentar a violência, entre outras questões.

2.3.4 Orientação Sexual e Identidade de Gênero

As discussões sobre sexualidade trouxeram dois temas interessantes. Em primeiro lugar, as catadoras disseram que foram obrigadas a confrontar seus próprios estereótipos em relação aos trabalhadores LGBTQIA (*Lesbian, gay, bisexual, transgender, questioning, intersex, and asexual*, em sua sigla em inglês - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Questionadores(as), Intersexos e Assexuados(as)) em suas cooperativas. Muitas mudaram suas atitudes após algumas discussões realizadas nas cooperativas quanto à forma como os trabalhadores LGBTQIA estavam sendo tratados. Uma catadora lésbica alegou que não podia usar o banheiro feminino quando começou a trabalhar na cooperativa, mas depois de uma discussão em grupo, ela não foi mais discriminada. Algumas mulheres do grupo salientaram que não discriminavam outras pessoas, particularmente devido às suas próprias experiências de serem marginalizadas, mas quando se tratava de trabalhadoras e trabalhadores LGBTQIA, elas perceberam que também reproduziam tais padrões de comportamento. Hoje em dia, as trabalhadoras acreditam que aprenderam a respeitar tais diferenças.

Em segundo lugar, as mulheres demonstraram apreciar as discussões sobre sua própria sexualidade e seus desejos. Tais discussões também trouxeram percepções sobre como as mulheres devem se comportar e se vestir perante a sociedade, o que refletia mais posições patriarcais e conservadoras. Nesses casos, foi importante questionar por que certos pontos de vista moralistas possuem tanta influência na sociedade brasileira atual. A tensão trazida por tais perguntas foi essencial, uma vez que ajudou a iniciar o processo de rompimento com estereótipos relacionados a como as mulheres se comportam e qual o seu lugar na sociedade, assim como influenciou a reflexão sobre a autonomia da mulher e sobre o controle sobre seus corpos. Como resultado, as mulheres reiteraram o fato de que devem ser respeitadas e protegidas da violência, independente das roupas que usam, por exemplo. Nesse sentido, as participantes concordaram que as mulheres não devem ser objetificadas perante a sociedade, mesmo tendo sido capazes de fornecer inúmeros exemplos de objetificação na sociedade brasileira durante a discussão.

2.3.5 Raça

As discussões sobre raça apareceram de maneira tangencial nos workshops. Em algumas ocasiões, classe e raça foram apontadas como marcadores de identidade que intensificam a discriminação e marginalização dos catadores de maneira geral. Em um workshop,

durante o debate sobre os papéis de gênero, uma participante deu um longo testemunho sobre como a escravidão e a discriminação racial podem ser encontradas em muitas áreas da vida contemporânea e na coleta de resíduos. Em outro workshop, uma mulher negra, que atualmente namora um homem branco mais novo que ela, disse que o namoro inter-racial ainda choca uma sociedade que afirma viver em uma democracia racial.

2.3.6 Relações de gênero no movimento de catadores de materiais recicláveis

Há pelo menos três conclusões gerais no que diz respeito às relações de gênero dentro do movimento de catadores de material reciclável. Em primeiro lugar, as mulheres enfatizaram que gostariam que mais mulheres do movimento participassem dos workshops e de atividades como aquela, realizada sobre gênero. Em segundo lugar, elas enfatizaram a necessidade de uma participação mais efetiva de todas as trabalhadoras e os trabalhadores nas reuniões realizadas em todos os níveis de governo. Nesse sentido, houve uma demanda por uma participação mais ampla de catadoras e catadores, e não apenas daqueles mesmos poucos trabalhadores que tendem a serem os representantes do movimento. Em terceiro lugar, e associada à segunda conclusão, se encontra a demanda por uma maior transparência e maior acesso à informação. Muitas das trabalhadoras alegaram que não estão cientes de todas as decisões e gostariam de saber mais a respeito do que está acontecendo. Por outro lado, algumas participantes também afirmaram que catadoras e catadores precisam reservar um tempo e manifestar o seu interesse em aprender mais sobre o que acontece dentro do movimento. Em geral, as mulheres concordaram que deve haver mais esforços conjuntos para que participem coletivamente, tanto de suas cooperativas como do movimento nacional. Por fim, em alguns dos workshops, as mulheres expressaram o desejo de ter um fórum de mulheres dentro do Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR).

Para que isso aconteça, é necessário que elas fortaleçam a solidariedade entre si, bem como a autoestima. Algumas mulheres também afirmaram que não iriam mais aceitar tão facilmente todas as decisões tomadas pelos catadores homens. A chave para a participação está no maior acesso à informação, inclusive sobre as leis relacionadas à coleta de resíduos, no maior esforço coletivo entre as mulheres, e no maior número de habilidades adquiridas, para que as mulheres possam ser respeitadas em tais arenas.

2.3.7 Autonomia Econômica

Além de reconhecer a importância de terem autonomia econômica de suas famílias e/ou maridos, as catadoras também destacaram que devem ser respeitadas pelo conhecimento que possuem sobre a coleta de resíduos, sobre o mercado, e até mesmo sobre seu orçamento familiar.

Ao mesmo tempo em que a autonomia econômica é essencial para dar às mulheres a liberdade de tomar diversas decisões em suas vidas, as participantes também reconheceram que, às vezes, isso pode criar certas tensões no relacionamento, caso a mulher ganhe mais do que seu parceiro. Além disso, as catadoras observaram que a autonomia econômica não é o único aspecto no qual as mulheres podem ser empoderadas; elas lidam com várias estruturas e sistemas de crenças que criam obstáculos diários para a igualdade de gênero, que também podem ser desafiados.

O que aprendemos

- ✓ Iniciar os workshops com uma discussão sobre autonomia provou ser bastante útil e eficaz, uma vez que percebemos como as mulheres internalizaram o conceito e refletiram de maneira mais crítica sobre suas próprias vidas durante todo o workshop.
- ✓ As discussões sobre a violência de gênero não foram regidas com ênfase na vitimização. Em vez disso, o grupo refletiu coletivamente sobre essas experiências e foi capaz de reconhecer a capacidade de ação da mulher, mesmo em circunstâncias altamente desfavoráveis.
- ✓ Papéis de gênero estereotipados são difíceis de serem rompidos, particularmente aqueles que são compartilhados e reproduzidos não só por homens, mas também por mulheres. Os workshops buscaram iniciar a desconstrução de atitudes e crenças que reforçam os papéis de gênero tradicionais, conservadores e patriarcais, particularmente aqueles que dizem respeito à sexualidade.

Do que as mulheres precisam

- ✓ As catadoras precisam se apoiar mais umas nas outras, especialmente nos processos de tomada de decisão.
- ✓ As catadoras precisam trabalhar na criação de grupos de mulheres dentro de suas cooperativas, a fim de discutir as relações de gênero com outras trabalhadoras.
- ✓ As mulheres querem ter maior acesso à informação. Querem, também, mais treinamentos e cursos que irão ajudá-las a fortalecer suas vozes dentro das cooperativas e movimentos.
- ✓ As mulheres precisam de mais creches que estejam perto de suas organizações, de forma que possam conciliar as demandas do trabalho e da vida familiar/cuidado.

Em termos de capacitações, treinamentos e qualificação, as mulheres identificaram que gostariam de:

1. Criar grupos de reflexão de mulheres dentro das cooperativas e do movimento de catadores e/ou ter mais espaço para refletir sobre o impacto das diferenças de gênero em suas vidas, dentro ou fora do movimento. Isso se estende à ideia de que gostariam de ter um fórum das mulheres dentro do movimento nacional.
2. Participar de cursos de educação de jovens e adultos a fim de concluir o ensino médio.
3. Frequentar cursos de alfabetização.
4. Ter conhecimentos de informática. Isso inclui aprender a utilizar certos programas como o Excel e o Power Point, e até mesmo aprender a navegar na Internet.
5. Aprender a falar de maneira mais eloquente em público. Muitas têm vergonha ou medo de falar em público.

6. Saber mais sobre as políticas públicas e leis que as afetam diretamente, como mulheres e como catadoras.
7. Aprender novas línguas, uma vez que o movimento está crescendo.

“Esse é nosso espaço; estamos tendo esse privilégio de buscar nossa autonomia”.



“Não estamos ganhando dinheiro com o workshop, e sim ganhando conhecimento. Por isso a participação de todas é importante”.



Fotos da reunião com catadores e catadoras do Brasil e da América Latina para discutir o projeto Gênero e Reciclagem em abril 2015. Fotos: L.Mintz



Fotos do workshop na região metropolitana de Belo Horizonte, maio de 2013 e Itaúna, outubro de 2013. Fotos: A. C. Ogando e S. Dias

Atividades de Acompanhamento para Disseminar as Atualizações e Informações sobre os Workshops de Gênero

A fim de manter o caráter participativo deste processo, houve várias atividades de acompanhamento e produtos produzidos e divulgados não somente entre catadoras e catadores, mas também entre os parceiros em todo o mundo.

Relatório de Notícias com Fotos

A fim de fornecer *feedback* às catadoras sobre o processo e fases do projeto, bem como a fim de manter a elas e outros informados, um curto relatório com fotos foi produzido e distribuído.

Kit de Ferramentas Popular

O kit de ferramentas popular foi desenvolvido com a ajuda e as sugestões de mulheres líderes das catadoras. Foi baseado principalmente nas informações dos relatórios dos workshops.

Para mais detalhes, vide:

<http://wiego.org/resources/women-waste-pickers-toolkit-low-resolution>

Links com outros websites

Informações sobre os workshops e sobre o projeto também foram publicadas no site da GlobalRec. Para visualizar esses posts, vide:

<http://globalrec.org/pt-br/2013/05/28/mulheres-catadoras-de-minas-gerais-discutem-genero/>

<http://globalrec.org/2014/03/08/waste-and-gender-rethinking-relations-for-empowerment/>

Para mais atualizações e informações sobre gênero e a coleta de resíduos, consulte os links a seguir do site da WIEGO:

- <http://wiego.org/wee/gender-waste-project>
- <http://wiego.org/informal-economy/waste-gender-rethinking-relations-empowerment>

2.3.8 Resultados Gerais e Impactos

- **Empoderamento das mulheres:** Os workshops foram úteis na medida em que destacaram questões especificamente relacionadas à coleta de resíduos. Eles também deram às mulheres uma primeira oportunidade de compreender as dimensões da desigualdade de gênero, tanto em arranjos públicos quanto privados, de uma forma mais aprofundada e crítica. A compreensão das mulheres em relação ao alcance da desigualdade de gênero está intrinsecamente ligada à importância de reforçar e desenvolver o seu sentido de autonomia.
- **Impactos Sociais e Culturais:** Os workshops forneceram às mulheres um espaço para compartilhar suas histórias de superação de dificuldades ao longo de suas vidas, um exercício que aumentou a autoconfiança e reforçou a autoestima delas. Além disso, aumentaram seu interesse em ter mais discussões sobre relações de gênero com outros colegas de trabalho e com suas comunidades. Algumas mulheres afirmaram terem deixado relacionamentos abusivos após as discussões em todas as fases do projeto.

- **Impactos no Movimento de Catadores:**

- o Pela primeira vez, um movimento dominado por homens catadores reconheceu a questão de gênero, e também, pela primeira vez, o Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis do Brasil (MNCR) teve um painel sobre gênero em seu evento principal, a Exprocatadores, (com 2.000-3.000 participantes) em 2013.
- o As mulheres participantes manifestaram seu desejo de formar um fórum permanente das mulheres na seção estadual do MNCR de Minas Gerais. A fim de continuar a sensibilização sobre as questões de gênero, deve se trabalhar mais em colaboração com líderes de movimentos, ONGs e catadores em toda a América Latina. Durante o workshop de feedback em abril de 2015, catadores e catadoras do Brasil e da América Latina, juntamente com outros parceiros, sinalizaram um interesse em compreender mais sobre a igualdade de gênero em diferentes contextos em toda a América Latina.

“Este projeto nos deu esperança de levar isso até a base. Precisamos realizar mudanças. Enquanto as mulheres continuarem a produzir este pensamento sexista, não haverá mudanças. Sabemos que se trata de um processo lento. As mulheres têm que mudar. O governo precisa ajudar para que possamos lutar por nossos próprios direitos”

(Catadora e liderança de Brasília)



Encontro Geral com catadoras e catadores do Brasil e da América Latina para discutir o Projeto Gênero e Reciclagem, abril de 2015. Fotos: L. Mintz

“Precisamos refletir sobre o pensamento sexista presente entre nós. Precisamos parar com a vitimização. Já passei por coisas terríveis, mas eu superei. Este é o momento de repensar isso. Nós não somos vítimas, somos recicladoras, mulheres de negócio”.

(Catadora e liderança da Venezuela)



“Nós [homens] precisamos nos disciplinar e compreender o sofrimento das mulheres”.

(catador e liderança, MNCR)



“Esse encontro foi muito bom no sentido de me libertar de meu sexismo”.

(catador de Minas Gerais)



Encontro Geral com catadoras e catadores do Brasil e da América Latina para discutir o Projeto Gênero e Reciclagem, abril de 2015. Fotos: L. Mintz

• Contribuições Indiretas das Discussões de Gênero no Movimento de Catadores:

- o As seções estaduais do movimento de Brasília e de São Paulo organizaram reuniões com catadoras para discutir questões de gênero.
- o Recentemente, um grupo de catadoras, lideranças de diferentes estados, desafiou os líderes homens do MNCR, exigindo uma representação equitativa no nível da coordenação do MNCR. Elas também escreveram uma carta à Presidente do Brasil - Dilma Rousseff - pedindo um lugar para as mulheres no Comitê Interministerial para Inclusão Social e Econômica dos Catadores de Materiais Reutilizáveis e Recicláveis (CIISC: um comitê interministerial criado pelo ex-presidente Lula para coordenar a integração dos catadores aos sistemas de gerenciamento de resíduos sólidos). O MNCR possui um catador como representante neste comitê, mas as mulheres catadoras exigiram a representação de gênero. A Presidente Dilma aceitou a solicitação e as mulheres serão agora igualmente representadas no comitê.

Como notamos ao longo desse livro, a sensibilização sobre as questões de gênero é um processo lento que envolve respeitar o ritmo das catadoras e catadores e construir alianças com o movimento e seus parceiros. Também é importante que tanto as catadoras quanto os catadores reconheçam como a igualdade de gênero está intimamente ligada com as lutas por justiça social do setor e do movimento.

Referências⁶

Abranches, Graça. 2009. *Guia para uma Linguagem Promotora da Igualdade entre Mulheres e Homens na Administração Pública*. Comissão para a Cidadania e Igualdade de Gênero da Presidência do Conselho de Ministros de Portugal: Lisboa. Disponível em: <https://www.cig.gov.pt/siic/pdf/2014/siic-Linguagem.pdf>. Acesso em 20 Mar 2016.

Brasil. 2013. *Práticas de Igualdade*. Secretaria de Política para as Mulheres: Brasília. Disponível em: <http://www12.senado.gov.br/institucional/programas/pro-equidade/boas-praticas/ManualSPM.pdf>. Acesso em 20 Mar 2016.

CFEMEA, Centro Feminista de Estudos e Assessoria. 2006. *Os direitos das mulheres na legislação brasileira pós-constituente*. Centro Feminista de Estudos e Assessoria: Brasília. Disponível em: http://www.clam.org.br/bibliotecadigital/uploads/publicacoes/994_342_legis_pos_const.pdf. Acesso em 20 Mar 2016.

Daly, Mary. 2005. "Gender Mainstreaming in Theory and Practice". *Social Politics: International Studies in Gender, State and Society* 12, No. 3, pp. 433-450.

Dias, Sonia. 2002. "Construindo a cidadania: Avanços e Limites do Projeto de Coleta Seletiva de Belo Horizonte em parceria com a ASMARE." Masters Dissertation. Instituto de Geociências, Universidade Federal de Minas Gerais.

Dias, Sonia e Lucia Fernandez. 2013. "Waste Pickers – A Gendered Perspective." In Cela, Blerta, Irene Dankelman and Jeffrey Stern, eds., *Powerful Synergies: Gender Equality, Economic Development and Environmental Sustainability*. United Nations Development Programme, pp. 153-157.

Golla, Anne Marie, Anju Malhotra, Priya Nanda e Rekha Mehra. 2011. "Understanding and measuring women's economic empowerment: Definitions, framework and indicators." Washington DC: International Center for Research on Women (ICRW).

Furedy, Christine. 1990. "Social Aspects of Solid Waste Recovery in Asian Cities." *Environmental Sanitation Review Series*, No. 30. Bangkok: Environmental Sanitation Information Centre, pp. 2-52.

Hunt, Caroline. 1996. "Child waste pickers in India: the occupation and its health risks." *Environment and Urbanization* 8, No. 2, pp. 111-118.

International Labour Organization. 1995. "Women Work More, But are Still Paid Less." Documento online. Disponível em: http://www.ilo.org/global/about-the-ilo/media-centre/press-releases/WCMS_008091/lang-en/index.htm. Acesso em 25 Fev 2016.

Kabeer, Naila. 1999. "Resources, agency, achievements: Reflections on the measurement of women's empowerment." *Development and change* 30, No. 3, pp. 435-464.

⁶ O padrão ABNT não foi seguido, pois usamos como referência o "Guia de estilo da WIEGO"

_____. 2003. *Gender Mainstreaming in Poverty Eradication and the Millennium Development Goals: A handbook for policy-makers and other stakeholders*. Canada: International Development Research Centre, 250 pages.

Madsen, Catherine A. 2006. "Feminizing Waste: Waste-Picking as an Empowerment Opportunity for Women and Children in Impoverished Communities." *Colorado Journal of International Environmental Law and Policy* 17, No. 1, pp. 165-200.

Matos, Marlise, 2010. "Opinião pública e representação política das mulheres: novos horizontes para 2010?" *Debate-Opinião Pública e Conjuntura Política* 2, pp. 31-37.

Matos, Marlise e Solange Simões. 2014. "The Interplay Between CEDAW, the Brazilian Women's Movements, and Global Feminisms Agendas." Presented at the International Sociological Association Conference. Japan, 2014.

Moraes, Eunice Léa de e Gladis Vera Gassen. 2004. "A transversalização das questões de gênero e raça nas ações de qualificação social e profissional." Technical Note. Brasil: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, No. 25, pp. 23-30.

Moser, Caroline. 1993. *Gender Planning and Development: Theory, Practice and Training*, New York: Routledge.

_____. 2005. "Has gender mainstreaming failed? A comment on international development agency experiences in the South." *International Feminist Journal of Politics* 7, No. 4, pp. 576-590.

Walby, Sylvia. 2005. "Gender mainstreaming: Productive tensions in theory and practice." *Social Politics: International Studies in Gender, State & Society* 12, No. 3, pp. 321-343.

_____. 2005. "Introduction: Comparative Gender Mainstreaming in a Global Era." *International Feminist Journal of Politics* 7, No. 4, pp. 453-470.

Sobre WIEGO: Mulheres no Emprego Informal: Globalizando e Organizando (WIEGO) é uma rede global de ação-pesquisa-política que procura melhorar o status dos trabalhadores pobres na economia informal, especialmente mulheres. WIEGO é composta por organizações de trabalhadores informais, pesquisadores individuais e profissionais gestores engajados ou preocupados com o emprego informal. Nós procuramos cumprir os nossos objectivos através da ajuda no fortalecimento de organizações de base (OBs) de trabalhadores informais e na construção para o setor de redes; Destacar o tamanho, composição, características e contribuição da economia informal através do desenvolvimento de estatísticas e pesquisa; Promover diálogos e processos que culminem em políticas que incluam representantes de organizações de trabalhadores informais. Para mais informações: www.wiego.org

